

DUAS VEZES ELIZABETH JOBIM



Laocoonte, 1988

Foto: Vicente de Mello

Na Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, exposições paralelas centram-se na produção de Elizabeth Jobim, que celebra os seus 40 anos de carreira

Duas exposições dedicadas à obra de Elizabeth Jobim, “*A inconstância da forma*” e “*Entre olhares – Encontros com a Coleção Roberto Marinho*”, ocupam os dois andares do instituto cultural, pontuando as quatro décadas de carreira da artista carioca. As mostras apresentam as diferentes fases de sua produção e traçam relações visuais entre suas obras.

Jobim assina a curadoria de exposição no térreo, estabelecendo diálogos entre a sua obra, grandes nomes da Coleção Roberto Marinho e de sua coleção particular. No andar superior, a curadoria de Paulo Venancio Filho opta por uma mostra panorâmica com mais de 50 desenhos e pinturas, revelando como, ao longo dos anos, a pesquisa artística de Jobim evoluiu de forma pendular, em constante relação com sua própria trajetória.

Reconhecida como um dos principais nomes da arte contemporânea brasileira, Elizabeth Jobim integrou a icônica exposição *Como vai você, Geração 80?*, realizada no Parque Lage em 1984. Agora, ao ocupar os espaços da Casa Roberto Marinho, revisita sua obra marcada pela interseção entre pintura, escultura e instalação.

A INCONSTÂNCIA DA FORMA

Curadoria: Paulo Venancio Filho

No primeiro andar, *A inconstância da forma* apresenta uma seleção de desenhos, pinturas, objetos e ocupações espaciais que traçam um panorama da trajetória da artista. “*A ideia foi romper com uma narrativa de cronologia linear. A mostra provoca ‘saltos’ temporais e artísticos, desafiando o espectador a se reposi-*

cionar constantemente diante da continuidade alternante da obra”, revela o curador Paulo Venancio.

Essa abordagem cria uma dinâmica pendular que reflete a poética de Jobim, na qual linguagens e suportes se entrelaçam ao longo do tempo. Para Lauro Cavalcanti, o título da mostra “*sublinha a capacidade que a produção de Jobim possui de manter em movimento uma linguagem pessoal, cuja estabilidade consiste em acolher e retransformar tendências aparentemente antagônicas da arte contemporânea*”.



Sem título, 1983

Foto: Vicente de Mello

No início da carreira, Elizabeth Jobim explorava a pintura de forma gestual, buscando uma interpretação sensorial do mundo e dos objetos. “*Existe um caminho que começa no trabalho mais gestual e vai em direção ao desenho de observação, a partir de esculturas. Acho*

que foi nesse período, da passagem do espaço para o plano, que eu tive um amadurecimento nos anos 1980”, pontua a artista.

No fim da década de 1990, seu processo de observação direta se intensifica. Inicialmente, passa a desenhar e pintar tubos de tinta e, em seguida, a explorar as formas e ângulos irregulares das pedras encontradas em seu sítio, na região serrana do Rio. Esse elemento torna-se central na sua pesquisa, aparecendo de diferentes formas em sua obra – seja em desenhos, blocos, monólitos ou esculturas.



Sem título, 1996

Foto: Site Casa Roberto Marinho / Reprodução

A instalação *Sem título* (2001), exibida ao fundo da sala que abre *A inconstância da forma*, exemplifica essa investigação. Formado por 42 folhas de papel coladas



Sem título, 2023

Foto: Vicente de Mello

verticalmente, o mural apresenta desenhos inspirados nas pedras que atravessam a obra de Jobim. Sobre o fundo branco, a tinta acrílica azul ultramar – cor recorrente em sua produção – escorre pela superfície, reforçando a sua materialidade.

No mesmo espaço, as telas costuradas da década de 2020 introduzem um novo momento da pesquisa da artista. O linho aparece em diferentes tratamentos – cru, branco, pintado ou em tecidos industriais para estofados – enquanto as linhas de costura, que estruturam a grade geométrica, permanecem visíveis. “*A tela se organiza à maneira de um patchwork absolutamente bidimensional, uma construção de tecidos organizados e costurados fora do chassi, e como um transplante de bidimensional tornado pintura*”, resume Venancio no texto da exposição que apresentou a série *Linha Florescente*, em 2023.



Rapto das Sabinas, déc. 1980

Foto: Vicente de Mello

Nas duas salas seguintes, a estreita ligação de Jobim com a história da arte se evidencia em desenhos e pinturas que conversam com a escultura *Rapto das Sabinas* (1583), de Giambologna, e com o grupo escultórico do *Laocoonte* (1506). *“Todos esses trabalhos são da década de 1980 e trazem, cada um a seu modo, algo que me parece estar presente no olhar da artista, com diferentes graus de sutileza: um interesse pela fisicalidade e pelo movimento do corpo humano, com seus contornos anticlássicos cheios de veias, rugas e torções”*, observa o curador.

Seguindo o percurso, aparecem pinturas mais recentes, onde predominam tons avermelhados que vibram sobre telas de grande formato. Em outra sala, estão reunidos murais do início dos anos 2000, em que a cor

azul ultramar é aplicada com rolo sobre o branco. É nesse período que Jobim expande e intensifica a relação entre pintura e espaço, criando grandes instalações pictóricas com partes moduladas.

Entre elas, *Endless Lines* se destaca. Criado originalmente para a Lehman Gallery, em Nova York, em 2008, o mural de 32 metros de comprimento por 2 metros de altura é composto por telas pintadas dispostas lado a lado. A sua monumentalidade transforma o espaço expositivo em parte essencial da obra, explorando a relação entre pintura e arquitetura por meio de linhas dinâmicas e formas modulares.



Endless Lines

Foto: Susan Alzner – Site da artista / Reprodução

Seguindo o movimento pendular da mostra, as pinturas costuradas reaparecem, incluindo exemplares das séries *Enlace*, *Frestas* e *Linho Florescente*. Na última sala, pequenos desenhos revelam o processo criativo da artista. Diferente da lógica arquitetônica, em que um projeto é definido antes da execução, os esboços funcionam como registros de observação e experimentação. Muitos deles são estudos preparatórios para suas grandes instalações, mas mantêm um caráter pic-

tórico próprio, evidenciando a relação sensível entre planejamento e improvisação em sua prática.

Esse espaço reúne trabalhos de todas as décadas, sintetizando a diversidade que atravessa a exposição: guaches dos anos 1980, naturezas-mortas dos anos 1990 e as pinturas costuradas da década de 2020.

ENTRE OLHARES – ENCONTROS COM A COLEÇÃO ROBERTO MARINHO

Curadoria: Elizabeth Jobim

A exposição *Entre olhares*, no térreo, é o segundo exercício curatorial de Elizabeth Jobim na Casa Roberto Marinho. No primeiro, em 2021, a artista selecionou as “*Ripas*” da Ione Saldanha para dialogar com as suas próprias obras. Agora, Elizabeth amplia o diálogo, recorrendo não só a obras do acervo, mas à sua coleção particular e à própria produção artística. As obras selecionadas refletem um olhar pessoal sobre suas influências e as conexões que atravessam sua trajetória. “*Nesse processo, eu considerei tanto a escala das peças quanto as afinidades com meu trabalho*”, sintetiza a artista.

A curadoria se constrói a partir da expressividade gestual e da relação com o corpo – elementos centrais em sua obra. “*Esse recorte é também uma forma de se refletir hoje sobre os anos 1980, contexto esse da produção abstrata gestual, no qual iniciei minha pesquisa e trajetória nas artes*”, explica.

Nesse período, Iberê Camargo teve grande influência em seu trabalho, especialmente por suas séries *Fantas-*



Iberê Camargo, *Garrafas*, 1957

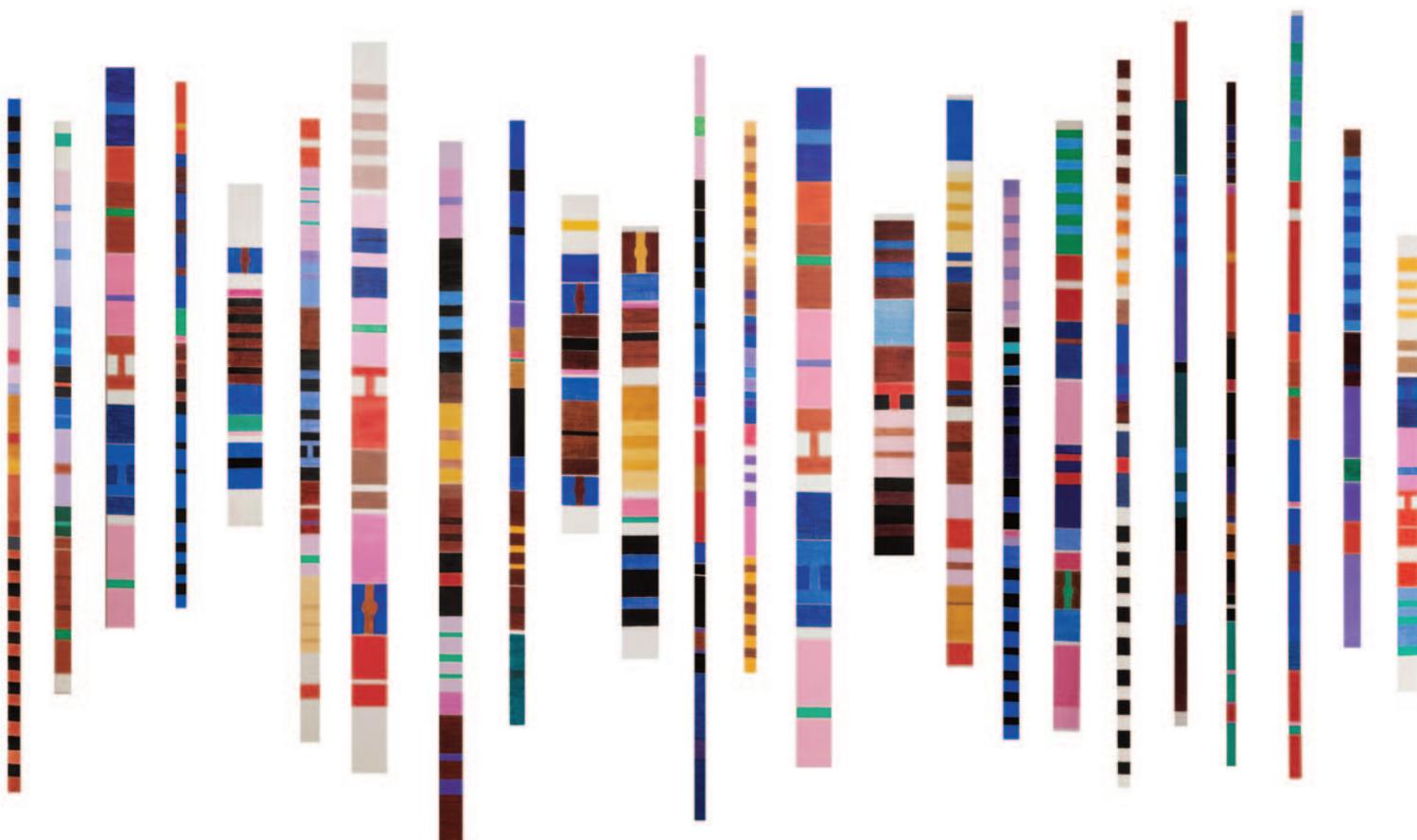
Foto: Pedro Oswaldo Cruz



Tunga, *Eixo exógeno*, 1996

Foto: Site Casa Roberto Marinho / Reprodução

magorias e Ciclistas, que dialogavam intensamente com a cena contemporânea da época. Já Jorge Guinle se destacou como uma referência essencial, tanto por sua produção pictórica quanto por seus textos sobre arte, que impactaram significativamente a sua formação. A escultura *Eixo exógeno* (1996), de Tunga, marcada por um movimento de torção, exemplifica essa conexão entre corpo e espaço. Outros artistas como Ana Linnemann, Iole de Freitas, Gabriela Machado, Tarsila do Amaral e Maria Helena Vieira da Silva, além de



Ione Saldanha, *Ripas*, 1991

Foto: Cadu Pilotto

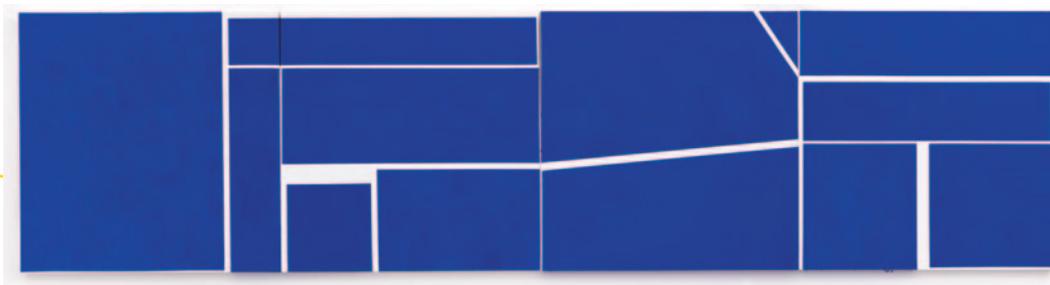
Angelo Venosa e Antonio Bandeira, também aparecem em sua seleção, reforçando a diversidade do diálogo.

Ao trazer obras de sua coleção particular, a artista evidencia como essas peças se relacionam com seu olhar sobre o mundo e sua própria criação. *"Comecei a colecionar trocando obras com colegas, uma prática comum entre artistas e, com o tempo, também adquiri algumas peças. Sempre escolho trabalhos que, de alguma forma, dialogam com a minha obra – mesmo quando essa relação não é óbvia à primeira vista, ela acaba se revelando"*.

Ao longo da mostra, essa dinâmica se desdobra, culminando em uma seleção que enfatiza a presença física na construção da imagem e na ocupação do espaço expositivo. Esse aspecto fica evidente em obras como o

mural *Sem título* (2024), de quatro metros de comprimento, instalado na segunda sala ao lado de *Garrafas* (1957), de Iberê Camargo. A interação entre pintura e arquitetura se repete com a presença das pedras, expostas na mostra *Variações* (Paço Imperial, 2019), e das telas com volume, da década de 2010. Estes blocos coloridos, que são ao mesmo tempo pintura, escultura e instalação, interagem com o espaço e convocam o corpo do espectador a percorrê-lo.

Na terceira sala, a exposição ganha uma dimensão imersiva com uma instalação site-specific criada especialmente para a mostra, que remete às séries *Enlace* e *Linha Florescente*. Utilizando tecidos sobre as paredes, Jobim constrói um ambiente em que telas de sua coleção particular e da Coleção Roberto Marinho ampliam as possibilidades de interlocução entre obra e arquitetura.



Elizabeth Jobim,
Sem título, 2024
Foto: Pat Kilgore

Esse percurso é concebido como uma biografia visual e afetiva, revelando as conexões da artista com os seus contemporâneos e os caminhos que moldaram a sua obra.

SOBRE ELIZABETH JOBIM

Elizabeth Jobim nasceu em 1957, no Rio de Janeiro. Formou-se em Comunicação Visual na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1981, e obteve seu mestrado em Artes Plásticas (MFA) na Escola de Artes Visuais de Nova Iorque. Lecionou Desenho e Pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rio de Janeiro), em 1994 e em 2010.

Entre as suas exposições coletivas, destacam-se: Salão Nacional de Artes Plásticas, no MAM Rio (Rio de Janeiro, 1982/1983); *Como Vai Você, Geração 80?*, no Parque Lage (Rio de Janeiro, 1984); Panorama da Arte Atual Brasileira, no MAM (São Paulo, 1990); Arte Contemporânea Brasileira, na Galeria Nacional de Belas Artes (Pequim, China, 2001); 5ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, 2005); *Art in Brasil 1950-2011 – Europalia 2011*, no Palais des Beaux-Arts, (Bruxelas, 2011); *(de)(re)construct*, no Bronx Museum of the Arts (Nova Iorque, 2015); *Mulheres na Coleção*, no MAR (Rio de Janeiro, 2018); *No papel*, na Mul.ti.plo Espaço Arte (Rio de Janeiro, 2019); *Drawing Out Summer: A revolving selection of gallery artists*, na Henrique Faria Fine Art (New York, 2020); *A escolha do artista* na Coleção Roberto Marinho, no Instituto Casa Roberto Marinho (Rio de Janeiro, 2021); *Abstração: a realidade mediada*, na Millan (São Paulo, 2022).

Entre as exposições individuais destacam-se: *Pinturas e Desenhos*, na Galeria Raquel Arnaud (São Paulo, 1997); *Aberturas*, no Paço Imperial (Rio de Janeiro, 2006); *Endless Lines*, na Lehman College Art Gallery (Nova Iorque, 2008); *Em Azul*, na Estação Pinacoteca, (São Paulo, 2010); *Blocos*, no MAM Rio (Rio de Janeiro, 2013); *In This Place*, Henrique Faria Fine Art (Nova Iorque, 2017); *Ensaios*, Galeria Raquel Arnaud (São Paulo, 2018); *Jazida*, Museu do Açude (Rio de Janeiro, 2018), *Variações*, no Paço Imperial (Rio de Janeiro, 2019); *Frestas, Lurixs* (Rio de Janeiro, 2019); *Entre Tempos*, Galeria Simões de Assis (Curitiba, 2021); *A linha fluorescente*, na Galeria Raquel Arnaud (São Paulo, 2023); *Elizabeth Jobim - O Tempo das Pedras*, no Museu Oscar Niemeyer (Curitiba, 2024).

SERVIÇO

A inconstância da forma (1º andar)

Até 10 de agosto

Entre olhares – Encontros com a Coleção Roberto Marinho (térreo)

Até 22 de junho

Instituto Casa Roberto Marinho

Rua Cosme Velho, nº 1105, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3298-9449

Dias/Horários: terça a domingo, das 12h às 18h

(Aos sábados, domingos e feriados, a Casa Roberto

Marinho abre a área verde e a cafeteria a partir das 9h)

Ingressos à venda exclusivamente na bilheteria:

R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia entrada)

Às quartas-feiras, a entrada é franca para todos os

públicos. Aos domingos, “ingresso família” a R\$10 para

grupos de quatro pessoas.